vinetur

# Cervejeiras brasileiras entram na reta final do ano com procura fraca, apesar do Mundial

O volume de cerveja da Ambev cresceu apenas 0,5% no terceiro trimestre, deixando as cervejeiras dependentes das vendas festivas e apreensivas com as alterações fiscais de 2027

quarta-feira, 11 de novembro de 2026



As cervejeiras brasileiras chegam à reta final do ano com uma procura mais fraca do que o esperado, apostando numa melhoria dos resultados com as vendas do quarto trimestre, depois de nem o Mundial deste ano ter impulsionado de forma significativa o consumo de cerveja. Os resultados das empresas e os comentários do setor revelam um mercado que continua a debater-se com volumes fracos, temperaturas mais baixas em regiões importantes e preocupações quanto ao impacto de uma ampla reforma fiscal nos preços e na rentabilidade a partir de 2027.

A Ambev, a maior cervejeira do Brasil, afirmou que o volume de cerveja no país aumentou apenas 0,5% no terceiro trimestre face ao mesmo período do ano anterior. A empresa registou um lucro líquido de 4,366 mil milhões de reais no período, menos 10,2% do que no mesmo trimestre do ano anterior, refletindo a ausência de efeitos fiscais não recorrentes contabilizados em 2025. Excluindo esses efeitos, o lucro líquido foi de 4,393 mil milhões de reais, mais 14,3%.

Carlos Lisboa, presidente executivo da Ambev, afirmou que a empresa ganhou quota de mercado apesar dos preços mais elevados e defendeu que o seu portefólio de marcas se encontra numa posição sólida. Disse que as marcas premium foram uma prioridade no trimestre, enquanto as marcas mais tradicionais mantiveram resultados estáveis. Lisboa afirmou também que anos com condições meteorológicas excecionalmente favoráveis, em particular 2024, foram casos excecionais e não devem ser considerados uma referência normal para os volumes de cerveja. Acrescentou que a procura recuperou no final de dezembro e se manteve até meados de janeiro do ano anterior, o que, segundo afirmou, demonstrou a força subjacente do setor.

Ainda assim, os investidores têm pressionado a Ambev devido ao que consideram serem volumes de cerveja fracos. Os comentários da empresa sugerem que, por enquanto, os preços e o mix de produtos estão a ajudar a compensar parte do problema da procura, mas não o suficiente para dissipar as preocupações quanto ao ritmo da recuperação no seu principal mercado.

A Heineken também apontou para um contexto frágil no Brasil, embora tenha registado alguma melhoria. A cervejeira afirmou que os seus volumes no país voltaram a crescer no terceiro trimestre. Em conjunto com um melhor desempenho no México, isso

contribuiu para elevar os volumes nas Américas para 23,6 milhões de hectolitros, mais 2,1% do que no ano anterior. Nos primeiros nove meses do ano, porém, os volumes na região continuavam a cair 1,6%, para 69,3 milhões de hectolitros.

No Brasil, a Heineken afirmou que a marca Heineken registou um crescimento de dois dígitos e a Amstel, um crescimento de um dígito elevado. Harold van den Broek, diretor financeiro da empresa, disse que continuava cauteloso quanto aos volumes de cerveja no quarto trimestre, tanto no Brasil como no México. Apontou as condições meteorológicas desfavoráveis, em particular o clima mais frio do que o habitual no sudeste do Brasil, como um grande obstáculo para o setor. Referiu também a inflação e os riscos macroeconómicos mais amplos.

Rafael Oliveira, o novo presidente executivo da Heineken, visitou recentemente o Brasil e afirmou que ainda existia alguma tensão económica no mercado. Van den Broek destacou também a forte volatilidade cambial no Brasil após o resultado das eleições presidenciais. Disse que mantinha uma perspetiva conservadora para as Américas, por ainda não ver sinais claros de uma transição para um crescimento sustentável.

A fragilidade da procura tem consequências para além das vendas trimestrais. O Brasil é um dos maiores mercados de cerveja do mundo, e um consumo mais lento pode afetar as decisões de preços, as margens e os planos de investimento das cervejeiras e dos seus fornecedores. Para o setor das bebidas em geral, a combinação de uma procura fraca com a transição fiscal poderá influenciar a forma como as empresas gerem o mix de produtos, as despesas de capital e os aumentos de preços num dos mercados mais importantes do setor.

Ao mesmo tempo, as cervejeiras afirmaram ter visto algum alívio nas primeiras orientações publicadas sobre o novo imposto seletivo do Brasil, que faz parte da reforma fiscal do país. Na terça-feira, 10 de novembro, o setor saudou a publicação de uma medida provisória que trouxe mais clareza ao mercado sobre a transição para 2027. Ao abrigo da reforma, os atuais impostos sobre o consumo serão gradualmente substituídos por um novo modelo. Para as empresas de bebidas, a principal alteração será o imposto seletivo, frequentemente descrito no Brasil como um «imposto do pecado», que abrangerá produtos como as bebidas alcoólicas a partir de 2027. Será

também nesse ano que a contribuição federal conhecida como CBS começará a substituir o PIS/Cofins. A transição mais ampla deverá decorrer até 2033.

O Sindicato Nacional da Indústria da Cerveja, conhecido como Sindicerv, afirmou que a medida provisória trouxe um importante grau de previsibilidade ao processo. Helena Romeiro de Araújo, a nova presidente executiva da organização, disse que o setor continuaria a trabalhar com o Governo federal para preservar a neutralidade fiscal no âmbito da reforma. Afirmou que as cervejeiras têm abordado o debate numa perspetiva técnica e defendido regras que mantenham o equilíbrio concorrencial. «Vamos trabalhar pela neutralidade fiscal», afirmou. «Somos um dos setores que mais impostos pagam.»

Araújo assumiu funções a 2 de novembro, substituindo Márcio Maciel, e tornou-se a primeira mulher a liderar a organização nos seus 78 anos de história. A Sindicerv representa 12 cervejeiras, incluindo a Ambev e a Heineken, as duas maiores do país. A associação afirma que o Brasil é o terceiro maior produtor de cerveja do mundo, atrás dos Estados Unidos e da China, e que o setor sustenta cerca de 2,5 milhões de empregos diretos, indiretos e induzidos, pagando aproximadamente 50 mil milhões de reais em impostos por ano.

Analistas do Bradesco BBI e do Citi afirmaram que a reforma fiscal deverá ter um efeito inicial globalmente neutro na indústria cervejeira, sem sinais claros de uma pressão adicional significativa sobre os preços a partir de 2027. Disseram também que persistem grandes incertezas, sobretudo quanto às taxas do imposto seletivo, que serão definidas a partir de 2028, e aos ajustamentos posteriores até 2033.

Por enquanto, as cervejeiras continuam a esperar que o último trimestre dê algum impulso, mas os seus próprios comentários sugerem que a recuperação depende de fatores que permanecem fora do seu controlo, incluindo o tempo, as despesas dos consumidores e o formato do novo sistema fiscal.